

LUCAS ANTONIO SARAN

**NEGAÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM SCHOPENHAUER
E ALBERTO CAEIRO**

**Londrina
2009**

LUCAS ANTONIO SARAN

**NEGAÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM SCHOPENHAUER
E ALBERTO CAEIRO**

Trabalho apresentado como relatório final
De iniciação científica (com bolsa).
Orientador: José Fernandes Weber

**Londrina
2009**

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de traçar um paralelo entre as obras de Schopenhauer e de Alberto Caeiro naquilo que se refere à temática da subjetividade. Tanto no pensamento de Schopenhauer quanto na poesia de Alberto Caeiro é possível encontrar a perspectiva segundo a qual a subjetividade, para a plena realização do pensamento, precisa ser negada. Este fato, naquilo que concerne às obras dos dois autores em questão encontra comprovação, no caso de Schopenhauer, quando são analisadas as teorias a respeito da ética e da estética que realizam uma apologia do conhecimento que transcende o tempo, o espaço e a relação entre sujeito e objeto, no caso de Caeiro quando este poeta deixa claro o seu desprezo por qualquer forma de conhecimento que procede pela via conceitual.

Palavras-chave: Schopenhauer; Alberto Caeiro; negação; subjetividade

SUMÁRIO

1	COMENTARIO INTRODUTORIO.....	03
2	UMA LEITURA DE ALBERTO CAEIRO.....	03
3	UMA REFLEXÃO A RESPEITO DA SITUAÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM SCHOPENHAUER.....	06
4	UM ESFORÇO DE SINTESE.....	09

Negação da subjetividade nas obras de Schopenhauer e Alberto Caeiro

- comentário Introdutório

Uma das idéias que podem ser inferidas, mesmo que em alguns casos de forma bastante indireta, da filosofia de Schopenhauer e da poesia de Alberto Caeiro é a percepção por parte destes autores do fato de que a subjetividade, entendida como um tipo de imposição de um determinado setor da realidade à atividade pensante, estar intimamente ligada com uma impossibilidade do ser que pensa se afirmar e se realizar plenamente. Esta percepção, que dependendo do aspecto em que é tomada, transparece ora mais em um dos autores ora mais em outro, pode ser percebida com tendo por principal consequência a indicação, ainda que não imperativa, de uma atitude ética e, no caso específico de Schopenhauer, também estética que se refletiria na noção, ainda que não normativa, de uma forma adequada da percepção e do pensamento se auto conduzirem na relação com a natureza.

Ao se analisar o pensamento de Schopenhauer e a poesia de Alberto Caeiro, não se encontra, exposta de forma direta, a intenção de fazer-se uma análise crítica profunda da subjetividade. Porém uma observação minuciosa pode levar à conclusão de que, tal crítica pode ser deduzida de suas obras como uma consequência necessária da situação de que tais obras apresentam e defendem o fato de que o momento onde o pensamento vislumbra o caminho para a maior paz é aquele onde, longe de especular a respeito de conceitos ou ser arrebatado por fortes emoções, contempla a vida e a natureza em sua forma mais pura: o pensar, tanto para Schopenhauer quanto para Caeiro, atinge sua forma grandiosa quando se resume em um simples intuir que é liberto de qualquer raciocínio. Para defender este ponto de vista adotar-se-á aqui uma interpretação bastante precisa dos autores em questão posto que tal interpretação será exposta considerando-se primeiramente cada um de tais autores separadamente para depois confrontá-los de forma mais direta.

-Uma leitura de Alberto Caeiro.

O poeta Alberto Caeiro, apresenta uma visão de mundo que, logo que é confrontada, leva a um espanto, pois vai na contramão da forma tipicamente ocidental

de se produzir conhecimento: o conhecimento ocidental, sobretudo com o advento das ciências, se constitui como um saber basicamente conceitual cuja busca é sistematizar, o máximo possível, o mundo vivenciado pela experiência humana. O poeta Alberto Caeiro vai contra tal sistematização e enxerga tal experiência como sendo algo que esgota a si mesma não podendo ser submetida a nada externo a si como é o caso das categorias lógicas e formadoras de conceitos entendidas normalmente pela idéia de razão humana. Esta posição de Caeiro, apesar da contradição gerada na essência de sua linguagem, tem de ser retirada da linguagem poética e trazida para a linguagem tipicamente conceitual onde se necessita comparar o poeta com categorias filosóficas. Tal necessidade também foi sentida aqui onde, não para defender um tipo específico de interpretação e compará-lo a outros, mas para seguir uma preferência filosófica do outro autor estudado - no caso, Schopenhauer, como se verá mais adiante -, facilitando a comparação que se pretende fazer, adotou-se, ao lado da leitura e discussão direta dos textos de Caeiro, a interpretação contida no livro “Fernando Pessoa: quem do eu, além do outro” (Perrone-Moisés, 2001). Nesta obra a autora faz uma referência direta às categorias do pensamento oriental. Para efetivar esta empreitada, já fazendo menção do tema da subjetividade que é o interesse maior aqui, partir-se-á especificamente das seguintes citações:

Para pessoa, que passou a vida em busca desesperada do seu ‘eu mesmo’, o intervalo Caeiro é realmente um repouso e uma libertação. Apesar de suas recaídas de pástor amoroso, Caeiro despe-se e despe-se do Eu intelectual e do seu eu sentimental que provocam perplexidades (...)(Perrone-Moisés, 2001, p.169)

Apreensão sensorial do real traz um conhecimento que não aspirando à inteligência da totalidade, alcança-a num outro nível. Com o Menino Jesus, Caeiro aprende a ver “como se cada pedra / fosse todo um universo” (OP, p.211). O pensamento analítico abstratiza o objeto, inclui-o numa categoria mais vasta e geral, anulando sua particularidade(...)(Perrone-Moisés, 2001, p.163).

“...Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer do modo de lembrar que me ensinaram
E raspar a tinta com que me raspam os sentidos
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a natureza produziu...” (Pessoa, 2006, p 49)

“Se o homem fosse, como deveria ser,
Não um animal doente mas o mais perfeito dos animais,
Animal directo e não indirecto,
Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido às cousas,

Outra e verdadeira.
Devia haver adquirido um sentido do “conjunto”;

Um sentido como ver e ouvir do “total” das cousas
E não, como temos, um pensamento do conjunto;
E não, como temos, uma idéia, do “total” das cousas.
E assim – veríamos – não teríamos noção do “conjunto” ou do total,
Porque o sentido do “total” ou do conjunto não vem de um total ou de um conjunto
Mas da verdadeira Natureza talvez nem do todo nem das partes.(Pessoa apud Perrone-Moises, 2001,
p.165)

A escolha pelas cinco citações feitas acima não deve ser entendida como uma tentativa de resumir toda a essência da obra de Caeiro e da interpretação escolhida para tal obra. Estas citações tem apenas o objetivo de destacar aquilo, que dentre tudo que na obra de Caeiro e na interpretação escolhida se refere à subjetividade, será mais interessante para o entendimento do ponto da obra de Caeiro mais útil para o paralelo entre autores que se objetiva traçar neste trabalho. Tal ponto, partindo-se de uma análise interpretativa das citações, será melhor compreendido naquilo que se segue.

O primeiro fragmento resume toda a perspectiva sobre a qual se deseja tratar aqui a obra de Caeiro, sendo que em, em linhas gerais, pode ser entendido como exposição de tudo aquilo que se quer entender aqui como negação da subjetividade: Caeiro, em seu olhar plenamente simplificado sobre a natureza que se manifesta imediatamente à percepção, obtém meios de negar qualquer prisão de seu pensamento com relação à noções específicas de realidade que poderiam, de forma indireta mas eficaz, criar regras, através de diversos tipos de explicação discursiva e racional que dá nomes às intuições mais imediatas, que, ditando maneiras de sentir e pensar, contribuíssem para a construção de um “Eu”. Este ponto de vista pode ser melhor compreendido quando se parte do pressuposto de que a subjetividade, em grande parte, se constitui por um conjunto de percepções, que estabelecendo delimitações determinantes de um critério de realidade, criam normas que limitam a atuação do pensamento.

O segundo fragmento permite conceber a consequência prática mais imediata da crítica que a poesia de Caeiro representa à subjetividade. Neste fragmento pode-se vislumbrar, em uma exposição mais aprofundada, a sensação mais marcante que a liberdade com relação ao “eu” causa ao poeta. Esta sensação consiste, principalmente, em um olhar para a realidade sem enquadrar a sua multiplicidade em conceitos. Tal olhar encontra motivo de contemplação em todas as instâncias do mundo percebido com as quais se depara, posto que consegue enxergar uma natureza inteira em cada uma destas instancias percebendo cada uma delas independente das outras sem precisar

situa-las em cadeias lógico-causais que determinariam sua posição em um cosmos organizado.

O terceiro trecho citado consiste em uma pequena parte de um poema de Caeiro onde se pode perceber uma das possibilidades positivas permitida ao pensamento que se libertou da subjetividade. A negação da subjetividade permite uma afirmação maior do pensamento posto que este não precisa mais se prender a uma perspectiva determinada e pode se libertar da prisão de ser um local específico do espaço ou do tempo tendo a oportunidade de simplesmente ser quando se perde no meio da multidão dos animais humanos.

O último texto que foi citado, sendo um poema completo de Caeiro, pode ser entendido como um complemento ao segundo posto que em tal texto ocorre uma referência ao fato de que a negação da subjetividade e as consequências que dela decorrem para a percepção do mundo, longe de serem a negação de qualquer tipo de saber, podem na verdade, se não forem julgadas a partir de perspectivas estritamente racionais, ser entendidas como possibilidade de acesso ao mais elevado grau de conhecimento. Esta perspectiva tem a possibilidade de ser explicada pela situação de que o conhecimento racional, que é tradicionalmente aceito e utilizado pelos homens, ao criar as formas conceituais como é o caso de totalidade ou realidade, procura sintetizar as grandes multiplicidades da realidade para conhecê-la. Porém tal conhecimento acaba tendo efeito contrário do que busca pois, em seu espírito sistemático, acaba suprimindo grandes setores do real que só poderão ser recuperados pelo pensamento quando este, de alguma forma, puder se desfazer das categorias estritamente lógicas.

Concluindo, pode-se dizer, que a poesia de Alberto Caeiro oferece uma nova proposta de vinculação entre o pensamento e a vida pois tal poesia permite ao homem perceber o quanto está afastado da realidade e preso em um universo minúsculo que, tendo como embasamento a subjetividade e o pensamento racional que se fortalecem mutuamente, faz com que tal homem seja o resultado de uma cisão no interior da natureza.

-Uma reflexão a respeito da situação da subjetividade em Schopenhauer.

A filosofia de Schopenhauer se destaca por expor uma visão do mundo e da natureza que considera que estas instancias, quando percebidas em si mesmas, devem ser enxergadas como estando completamente destituídas de um sentido lógico. Esta visão filosófica se concretiza em uma explicação da realidade como sendo

essencialmente aquilo que Schopenhauer denominou de Vontade: para Schopenhauer é possível justificar o ponto de vista de que o mundo, essencialmente, nada mais é do que uma vontade cega que se expressa em apetites insaciáveis que, devido a essa insaciabilidade, manifestam-se na vida dos seres vivos como tornando-a um conjunto de sofrimentos infundáveis.

Tendo em mente que a visão que Schopenhauer se constitui em uma explicação do mundo que o exclui de qualquer esquema que envolva uma idéia de finalidade lógica, é possível entrar, de maneira mais adequada, na forma como este autor trata da temática da subjetividade. Tal temática será pensada aqui tendo em vista, sobretudo, o primeiro tomo da obra magna do autor cujo título é “O mundo como vontade e como representação”. Apesar desta obra, em sua totalidade, ser bastante rica naquilo que concerne á reflexão a respeito da subjetividade, serão destacados alguns trechos considerados serem os mais significativos para o ponto de vista que se pretende abordar aqui:

Aquele que tudo conhece mas não é conhecido por ninguém é o SUJEITO. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universa e sempre pressuposta de tudo o que aparece, de todo o objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito.(...)(Schopenhauer, 2005, p.45)

O sujeito, entretanto, aquele que conhece e nunca é conhecido, não se encontra nestas formas, que, antes, já o pressupõem. Ao sujeito, portanto, não cabe pluralidade nem seu oposto, unidade. Nunca o conhecemos mas é justamente o que conhece, onde quer que haja conhecimento.(...)(Schopenhauer, 2005, p.45)

“Quando elevados pela força do espírito, abandonamos o modo comum de consideração das coisas, cessando de seguir apenas as suas relações mútuas conforme o principio de razão, cujo fim último é sempre a relação com a própria vontade; logo quando não mais consideramos o Onde, o Quando, o Porquê e o Para quê das coisas, mais única e exclusivamente o seu QUÊ; noutros termos, quando o pensamento abstrato , os conceitos da razão não mais ocupam a consciência mas, em vez disso, todo poder do espírito é devotado à intuição e nos afunda por completo nesta, a consciência inteira sendo preenchida pela calma e contemplação do objeto natural que acabou de se apresentar, seja uma paisagem, uma árvore, um penhasco, uma construção ou outra coisa qualquer; quando, conforme uma significativa expressão alemã, a gente se PERDE por completo nesse objeto, isto é, esquece o próprio individuo, o próprio querer, e permanece apenas como um espelho claro do querer...” (Schopenhauer, 2005, p 246)

(...)a GENEALIDADE nada mais é senão a OBJETIVIDADE mais perfeita, ou seja, orientação objetiva do espírito, em oposição à subjetiva que vai de par com a própria pessoa , isto é, com a vontade(...)(Schopenhauer, 2005, p 254)

..., pela visão através do *principii individuationes*, surge em menor grau a justiça, em maior grau a disposição de caráter propriamente boa, as quais se mostram como amor puro e desinteressado em face dos outros. Lá onde este amor se torna perfeito, iguala por completo o individuo estrangeiro com seu destino ao próprio individuo...(Schopenhauer, 2005, p 476)

Se, todavia, se insistisse absolutamente em adquirir algum conhecimento positivo daquilo que a filosofia só pode exprimir negativamente como negação da Vontade, nada nos restaria senão a remissão ao estado experimentado por todos aqueles que atingiram a perfeita negação da Vontade e que se cataloga com os termos êxtase, enlevamento, iluminação, união com Deus etc. Tal estado, porém, não é para ser denominado propriamente conhecimento, porque ele não possui mais a forma do sujeito e objeto, e só é acessível aquele que teve a experiência, não podendo ser ulteriormente comunicado.(Schopenhauer, 2005, p517)

Os primeiros dois fragmentos, dentre aqueles foram propostos acima, fazem referência à forma como Schopenhauer considera a subjetividade em sua teoria do conhecimento. Aqui é interessante destacar alguns pontos que, mesmo sem fazer referência à metafísica pessimista do filósofo, já começam a abrir caminho para uma crítica da subjetividade. Tais pontos de vista podem ser sintetizados da seguinte maneira: o sujeito para Schopenhauer não possui em si nenhuma consistência que lhe garanta uma unidade ou substancialidade. Esta percepção pode ainda ser complementada com a situação de que, como se percebe no fragmento analisado e em toda teoria do conhecimento de Schopenhauer, o sujeito e o objeto se apresentam em situação de completo equilíbrio onde, com o fato de que tanto sujeito quanto objeto são mutuamente dependentes, não é possível pensar qualquer tipo de elevação espiritual ou intelectual sobre o mundo pela via da subjetividade.

O segundo e o terceiro fragmentos fazem referência direta à teoria estética de Schopenhauer, pois deixa clara a visão do autor de que os momentos de maior elevação do pensamento do ponto de vista do conhecimento estão intimamente ligados com uma negação da subjetividade que, por sua vez, produz, somente, conhecimentos a serviço dos desígnios da Vontade e, conseqüentemente, de apetites egoísticos e do sofrimento. Este fato pode ser compreendido com maior precisão partindo-se de um olhar mais atento sobre o conteúdo dos fragmentos. Tal olhar revela a experiência do sujeito que consegue superar os tormentos da vida ao possuir a habilidade de conseguir, em suas experiências particulares, isolar os objetos percebidos pelo conhecimento comum e encontrar em cada um destes objetos, através da contemplação, uma ponte para fundir-se com os tipos ideais que representam a essência do universo.

Os dois trechos finais citados são sobre a filosofia ética de Schopenhauer onde também se encontra uma possibilidade de libertação do sofrimento pela via da superação da subjetividade. Este estado de coisas se concretiza, conforme esta presente nos textos da citação, quando o sujeito encontra sua liberdade justamente por meio da visão através das categorias da subjetividade e da racionalidade posto que esta visão permite uma intuição imediata sobre a totalidade do fundamento tortuoso que esta por

trás do mundo. Tal superação do sujeito culmina no sentimento da compaixão que é uma conseqüência da fusão do “eu” com a unidade do mundo que permite uma participação na totalidade dos sofrimentos. Com a vivência deste sentimento caminha-se, por fim, em direção a negação da vontade de vida que, sendo uma auto supressão realizada pela Vontade, é, também, uma destruição absoluta da relação sujeito-objeto.

Por fim, tem-se a possibilidade de afirmar o fato de que uma das principais idéias trazidas pelo sistema filosófico de Schopenhauer é a concepção segundo a qual toda a existência humana, enquanto guiada pela subjetividade e pela racionalidade encontra-se enclausurada em uma caverna cheia de trevas. Esta idéia encontra-se no fato de que enquanto procura sistematizar a natureza acreditando que, com isso, ira ter um domínio e um entendimento adequado àquilo que se refere à natureza, o homem esta, na verdade, perseguindo as inclinações do descontentamento constante e sem sentido em que se constitui o fundamento do mundo.

- um esforço de síntese

Com tudo o que até agora foi exposto neste trabalho é possível ter-se uma noção sólida das visões de mundo e da critica à noção de subjetividade expressas no sistema filosófico de Schopenhauer e na poesia de Caeiro. Partindo-se desta compreensão é possível então realizar uma síntese entre os dois autores de modo a apontar os pontos em comum de seus pensamentos. Tal síntese será realizada, sobretudo, tendo como norte a busca por inferir, do ponto comum dos dois autores, posturas éticas.

Em primeiro lugar, Schopenhauer e Alberto Caeiro encontram-se em seu modo de pensar a subjetividade ao fazerem, mesmo que indiretamente no caso de Schopenhauer, uma crítica ao modo ocidental de se produzir conhecimento tanto filosófico quanto científico. A filosofia de Schopenhauer e a poesia de Caeiro demonstram que privilegiam, naquilo que concerne ao conhecimento, a sabedoria que se adquire por vias que desprezam a reflexão meramente conceitual e a realização da subjetividade. Este fato se manifesta, sobretudo na visão de que tanto Schopenhauer quanto Alberto Caeiro demonstram, em seus pensamentos, a preferência por um certo tipo de conhecimento que está associado a um modelo de experiência que se propõe a ser passiva em relação a cada um dos objetos da natureza e contemplá-lo independentemente dos outros, como se contivesse uma totalidade acabada em seu interior (a idéia ultrapassa o tempo e o espaço no caso de Schopenhauer e a sensação livre de pensamentos no caso de Caeiro). Tal visão traz, como uma primeira postura

ética a noção de que o conhecimento mais verdadeiro, no sentido de levar o homem a atingir uma plenitude, é aquele que provém de uma receptividade pacífica diante da natureza onde aquele que aprende se abstém de pensar a natureza para, em um certo sentido, escutar o que ela tem a dizer ao seu próprio respeito

Em um segundo ponto Schopenhauer e Alberto Caeiro, dentro de um ponto de vista que dialoga com as suas visões do conhecimento, se encontram no ponto em que não aprovam a realização da subjetividade enquanto individualidade, posto que os dois autores, cada um a sua maneira, defendem que aquilo que pode ser entendido como uma espécie de beatitude no interior do pensamento consiste justamente em uma aniquilação da individualidade juntamente com a relação sujeito-objeto. Esta situação pode ser melhor entendida quando, levando-se em conta o conteúdo das citações já feitas, atenta-se para a comparação entre os seguintes pontos de suas idéias: tanto Schopenhauer quanto Alberto Caeiro, em um certo sentido, acreditam que o homem deve negar o mundo entendido como uma sistematização que procura resumir a totalidade do real. Tal negação, no caso de Schopenhauer, está presente no processo de negação da vontade onde se põe fim à relação sujeito e objeto que permite a ciência, e no caso de Caeiro na elevação até as últimas conseqüências de seus pontos de vista, onde é possível ao homem parar de pensar qualquer concepção sobre o mundo e simplesmente viver sendo apenas “um animal humano que a natureza produziu”. Tal ponto de vista expressa por excelência aquilo que há de mais comum, em termos de produção de uma postura ética por parte dos dois autores em questão, uma vez que revela justamente o momento onde, buscando propor um tipo de paz suprema como concretização do melhor tipo de vivência, negam a subjetividade humana e a racionalidade ao desprezarem e proporem a redução a nada de todo saber e antropocentrismo embasados na construção da idéia científica de mundo que pode ser descrita, expondo as palavras de Schopenhauer no momento em que reflete sobre a negação da vontade de vida, como sendo “esse nosso mundo tão real com todos os seus sóis e vias lácteas”(Schopenhauer, 2005, p 519)

Enfim, pode-se dizer, que tanto a filosofia de Schopenhauer quanto a poesia de Caeiro expõem a construção de um conjunto de perspectivas que culminam em uma postura ética que se nutre de uma crítica a toda pretensão da humanidade que vise uma auto-realização através da produção e afirmação da subjetividade e da conseqüente tentativa de se estabelecer um domínio completo sobre natureza através de sua totalização em conceitos. Estas perspectivas se concretizam, levando em conta os seus momentos que se destacam mais em Caeiro e mais em Schopenhauer respectivamente,

em uma demonstração do caráter limitado e limitador do conhecimento racional e em uma demonstração do quanto o produto máximo deste conhecimento deve ter sua negação como sendo a única forma de garantir a beatitude e paz plena daquele que o vivencia.